

O romance de *Celinos* na tradição oral moderna da Galiza

José Luís Forneiro

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

FORNEIRO, JOSÉ LUÍS (2011 [2008]). “O romance de *Celinos* na tradición oral moderna da Galiza”. En Esther Corral Díaz, Lydia Fontoira Surís e Eduardo Moscoso Mato (eds.), “*A mim dizen quantos amigos ey*”. *Homenaxe ao profesor Xosé Luís Couceiro*. Santiago de Compostela: Departamento de Filoloxía Galega da Universidade de Santiago de Compostela, 165-173. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*.
<<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/166>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

FORNEIRO, JOSÉ LUÍS (2008). “O romance de *Celinos* na tradición oral moderna da Galiza”. En Esther Corral Díaz, Lydia Fontoira Surís e Eduardo Moscoso Mato (eds.), “*A mim dizen quantos amigos ey*”. *Homenaxe ao profesor Xosé Luís Couceiro*. Santiago de Compostela: Departamento de Filoloxía Galega da Universidade de Santiago de Compostela, 165-173.

* Edición dispoñíbel desde 011 de marzo de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

O ROMANCE DE *CELINOS* NA TRADIÇÃO ORAL MODERNA DA GALIZA

José Luís Forneiro

Universidade de Santiago de Compostela

Celinos é um dos romances mais prezados pelos investigadores do romanceiro tradicional devido à sua venerável origem e à sua raridade na tradição oral moderna e às suas qualidades literárias¹. Este poema é um dos exemplos mais claros e preciosos de como a vida dos textos literários orais decorre de maneira autónoma à escrita, pois este romance de raízes medievais não consta nos romances e folhetos de cordel dos séculos XVI e XVII², no entanto, no saber romancístico moderno, foram obtidas umas cinquenta versões de diversas regiões do mundo ibero-românico: do noreste peninsular (Trás-os Montes³, Galiza, Leão, Samora e Astúrias) até aos sefarditas de Oriente (Bósnia, Bulgária, Grécia, Líbano e Turquia), passando por Castela a Velha [166] (Burgos e Cantábria) e as Ilhas Baleares. A sua conservação junto dos judeus do antigo Império Otomano é já um indício da sua origem medieval e segundo Ramón Menéndez Pidal este romance deriva do cantar francês *Beuve de Hantone*, composto antes de 1200, em opinião de Chaylor e Martín de Riquer, ou entre 1215 e 1225, de acordo com Erich von Richthofen; para este estudioso alemão esta *chanson de geste* era uma refundição da lenda castelhana da condessa traidora, que aparece na *Crónica Najarense*, obra elaborada pouco depois de 1150⁴. São testemunhos do êxito do cantar *Beuve de Hantone* na Europa medieval as três versões francesas do século XIII e a versão anglo-normanda do século XIV, bem como a sua influência sobre a epopeia provençal *Daurel et Beton* (anterior a 1240). O poema foi reelaborado posteriormente na Inglaterra, Gales, Irlanda, Islândia e na Itália, onde a história de *Bovo d'Antona* experimentou numerosas refundições, mais tarde apareceram duas versões em prosa, uma francesa e outra neerlandesa, e também foi incluído num livro de contos judeu-alemão e noutro russo⁵.

¹ Em 1990 preparei um trabalho para o “II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza” que não cheguei a apresentar (“Umha jóia da tradição oral galega: o romance d’A Caça de Celinos”) em que se baseia parcialmente o presente artigo. Em 2001 salientei no prefácio do livro de Anabel Amigo, *Flor de romances de Cervantes e Pedrafita* (Santiago de Compostela, Follas Novas) as excelências poéticas e narrativas deste romance, e estas minhas palavras foram erroneamente atribuídas por Xosé Ramón Mariño Ferro a Anabel Amigo (“A caza de Don Celinos”, *Madrygal*, nº 8, Madrid, Universidad Complutense, 2005, p. 86).

² Apenas consta uma única alusão a este romance num verso da Glosa Peregrina, “ensalada a lo divino composta por Luis de Aranda antes de 1560 segundo Samuel G. Armistead e Joseph H. Silverman (“El romance de Celinos: un testimonio del siglo XVI”, *En torno al romancero sefardí*, Madrid, Seminario Menéndez Pidal, 1982, pp. 35-42).

³ A única versão portuguesa é a que primeira que foi coligida da tradição oral moderna, pois foi obtida já em 1883 em Campo de Vîboras por Leite de Vasconcelos, um dos pais da filologia portuguesa moderna.

⁴ Erich von Richthofen, *Estudios épicos medievales*, Madrid, Gredos, 1954, pp. 78-88.

⁵ O sucesso deste antigo poema medieval não só chegou aos nossos dias através da poesia narrativa tradicional, pois de acordo com José Manuel Pedrosa os contos tradicionais d’*A irmã traidora* (nº 315 do catálogo Aarne-Thompson-Uther (ATU)) e d’*A mãe traidora* (ATU 590), difundidos não só pela Europa, mas também por África e Ásia estão ligados ao

Para Martín de Riquer o conteúdo dramático e a ação complicada de *Beuve et Hantone* foram o segredo do seu grande sucesso na Idade Média. O argumento do romance ibérico está baseado no episódio primeiro da obra, em que a mulher do idoso Guy de Hantone (pai de Beuve) descontente com o seu casamento prepara com o seu amante a morte do marido. A mulher finge doença (nas versões francesas, anglo-normandas e inglesas) ou gravidez (versões italianas) e insiste que o único remédio é comer carne de jabali (versões anglo-normandas e inglesas), de cervo (versões francesas e na maioria dos romances da tradição ibérica moderna) ou de qualquer animal de caça (versões italianas). A seguir a adúltera sugere que o animal desejado se encontra numa floresta próxima e convence o velho marido para não levar as armas. Guy de Hantone entra no monte onde é morto pelo amante e pelos seus seguidores, após se defender corajosamente; destarte, o amante consegue a mulher do velho esposo.

Nas versões da tradição oral moderna *Celinos* apresenta uma importante inovação a respeito dos antigos textos europeus medievais: afinal não é o marido quem morre, mas o amante, ficando, assim, a fábula mais de acordo com a sensibilidade do saber romancístico ibérico, onde o adultério costuma ser censurado com dureza, à [167] diferença da balada tradicional europeia, que muitas vezes o trata de modo paródico. Para além desta característica, a maioria dos textos modernos de *Celinos* oferece outra notável mudança, uma vez que tratam a fábula como uma simples história de adultério, esquecendo, assim, a diferença de idade como causa da ruptura no casal. Esta inovação encontra-se nos textos das Baleares e do noroeste peninsular (salvo na versão galega do Bolo), no entanto, não se produziu nas versões coligidas junto dos sefarditas e em Castela a Velha. Esta alteração da fábula demonstra, por um lado, a dupla abertura dos textos tradicionais (não só no conteúdo como nos textos escritos de autor, mas também na forma) e, por outro, que o mundo rural não tem sido um âmbito isolado e imutável, pois também tem participado, embora com outro *tempo*, nas mudanças sociais⁶, como neste caso relativamente à maior tolerância ao casamento entre pessoas com grande diferença de idade⁷.

Na tradição oral galega foi coligido um número reduzido de versões deste precioso romance: até aos inícios da década de 80 do século XX não havia constância entre os estudiosos do romanceiro da presença deste tema em terras da Galiza. Nos anos 1982 e 1983 o “Seminario Menéndez Pidal” da Universidade Complutense de Madrid obteve duas versões muito parecidas de duas senhoras idosas naturais de concelho lucense de Pedrafita, e alguns anos depois, em 1998, a filóloga cervantega Anabel Amigo recolheu uma versão ao filho da informante de 1983⁸. Na Primavera [168] de 1998 a Fundación Barrié de la

complejo Beuve-Celinos (“La chanson de geste de Beuve de Hantone, el romance de Celinos y los cuentos de La hermana traidora (ATU 315) y La madre traidora (ATU 590)”, *Culturas Populares. Revista Electrónica* 1 (enero-abril 2006), 20 pp.

⁶ É, por exemplo, o caso do modelo narrativo actancial da separação entre os amantes: nos séculos XVI e XVII teve grande difusão o romance d’*O conde Dirlos*, em que o homem quem sai à procura da mulher, na tradição oral moderna este romance é pouco conhecido, no entanto está muito difundido *O Conde Flores*, em que é a mulher quem vai procurar o marido. Esta preferência evidencia o maior peso da mulher na sociedade contemporânea, mesmo no âmbito rural.

⁷ Curiosamente para o antropólogo X. R. Mariño Ferro a perda do motivo do casamento entre velho e nova no romance carece de importância: “Pero aínda que nos falase dun esposo vello non serían imprescindíbeis. A un lector actual quizais lle axudasen eses versos para coñecer que pensaba a sociedade tradicional sobre os matrimonios entre vellos e mozas. A un labrego de Lugo non lle dicían nada que non soubese de sobras [...] Rexeitaban tales matrimonios porque era o triunfo da desigualdade e tamén, como na historia que recolle o romance, porque expoñían á mociña casada a caer na tentación do adultério” (p. 88). Em nossa opinião, o que evidencia precisamente a perda deste motivo é que o matrimónio desigual em termos de idade não é tão mal considerado na actualidade como outrora na maioria das comunidades rurais ibéricas, incluídas as galegas, tal como acontece nas sociedades urbanas contemporâneas do mundo ocidental.

⁸ O texto obtido em 1982 foi editado por Ana Valenciano, *Os romances tradicionais de Galicia. Catálogo exemplificado dos seus textos*, Madrid-Santiago de Compostela, Fundación Ramón Menéndez Pidal-Centro de Investigacións Lin

Maza dava a lume o libro inédito, e inacabado, de Víctor Said Armesto (1871-1914) *Poesía Popular Gallega. Colección de Romances, Baladas y Canciones recogidos de la tradición oral* em que figuram três novos textos de *Celinos*: dois obtidos nos municípios lucenses de Pedrafita e Cervantes em 1910, e um outro recolhido no concelho ourensano do Bolo em 1905. Como já indicámos⁹ *Poesía Popular Gallega* está formada por textos inventados, com ou sem base tradicional e, sobretudo, por versões retocadas; no espólio de Said Armesto, que podemos consultar em 1998 e 1999, não figura (salvo descuido nosso) a cópia de campo da versão de Cervantes, que parece uma fusão dos textos de Pedrafita e do Bolo, os quais, por outro lado, foram retocados; por falta de espaço não podemos incluir aqui os retoques operados neles por Víctor Said¹⁰.

A seguir apresentamos como amostras de *Celinos* as dúas cópias de campo do espólio de Said Armesto, pelo seu carácter semi-inédito e por ambas representarem certamente os dois tipos deste romance na Galiza: por um lado, a versão do Bolo é mais conservadora que os textos lucenses (e que todos os do noroeste peninsular) por manter à alusão à diferença de idade, por sua parte, o texto de Santa Maria do Cebreiro é o mais longo e completo das versões de Pedrafita.

Versão de Paradela (O Bolo, Ourense) (BO). Recolhida a Marcelina Mandiás, 75 a., por Víctor Said Armesto em 1905.

Triste estaba la condesa, llena de grande pesar.
 2 porque la casa su padre, porque la casaba male.
 Casaba c'un conde viejo, rico y lleno de caudale
 4 la pobre de la condesa non hace sinón llorare.
 –Que comerás, condesiña, que che eu fora a cazare?
 6 –Naquel monte, Marcelino, un cervo vira asomare,
 si non che comera dele ou parir ou reventare.–
 8 Deja tú las armas viejas, las nuevas vai a estrenare.–
 Bien viera el conde a Celinos por la montiña pasar.
 10 Cortáralle a cabeza ía condesa lla trae.
 –Noramala pra ti, conde, a eso non che fun mandare.–
 12 Cortáralle a da condesa puxéra(n)lla par a pare.
 –Agora xa tedes tempo de dar bicos i abrazare.

[169] Versão de Santa Maria do Cebreiro (conc. Pedrafita, Lugo) (PE). Recolhida a Dominga Rodríguez, 70 a., lavradeira, por Víctor Said Armesto em 1910.

–Que teis, miña condesa, de hai tres anos para acá?
 2 –O que che teño, meu conde, para ti non che é pesar:
 que che me encontro preñada da noite da Navidad.
 4 –Muller que así se sentía, hase saber precurar:
 si queres truchas do río o pescados de la mar
 6 o venadillos del monte, yo te los iré a buscar?

güísticas e Literarias "Ramón Piñeiro", 1998, pp. 187-188; por Mariano de la Campa, *Antología de la épica y del romancero*, Barcelona, Biblioteca Hermes, 1998, p. 283; e por José Luís Forneiro, *El romancero tradicional de Galicia: una poesía entre dos lenguas*, Oiartzun, Sendoa, 2000, pp. 174-175. A versão recolhida em 1998 a Manuel Lugueros, filho de Ramona Aira, a informante de 1983 (cuja versão era muito parecida com a coligida em 1982 e mais completa que a que transmitiu seu descendente), encontra-se nas páginas 65-66 do citado livro de Anabel Amigo.

⁹ Forneiro, *El romancero...*, pp. 52-53.

¹⁰ O leitor pode confrontar os textos deste trabalho com as versões de *Poesía Popular Gallega*, La Coruña, Fundación "Pedro Barrié de la Maza", 1997, pp. 135-137.

–No quiero truchas del río o pescados de la mar
 8 ni venadillos del monte que tú me vayas buscar.
 En el monte de Celinos un gran ciervo suele andar,
 10 si non me traes la cabeza, malparir ou reventar,
 has traer la cabeza i armas non as has levar.
 12 –E logo tu, condesiña, traición me queres armar.
 –Non te quero armar traición nin tampouco facer mal.–
 14 Arrimara as armas vellas, i outras novas foi buscar.
 A la salida de un monte, y a la entradiña de un val
 16 tropezara con Celinos, seu enemigo mortal.
 –Bienvenido seas, conde, a meus montes a cazar,
 18 pernas que aquí te trouxeron non te han volver levar,
 ollos que te viron vir non te han volver ver chegar.
 20 –Lo que esté de Dios, Celinos, lo que esté de Dios será,
 lo que esté de Dios, Celinos, hágase su voluntad.–
 22 Echaron espada al aire, principiou a batallar;
 la cabeza de Celinos logo cayera no chão¹¹;
 24 la cogió por los cabellos y con ella echó a andar.
 –Ves aí a caza, condesa, que me mandeche buscar.
 26 –Eu esa caza, me conde, non cha mandei ir buscar
 de sete irmãos que che tiña esa non cha han pasar.
 28 –Pois logo tu, condesiña, razón non lles has de ir dar.–
 La cortara la cabeza y las puxo par y par.
 30 –Ehí chuchaivos i abrazaivos que agora douvos lugar.

[170] Para podermos apreciar a personalidade das versións galegas deste romance é preciso confrontá-las con todos os outros textos da tradición ibérica moderna; con este fin establecemos a seguir as secuencias narrativas do romance e, dados os límites deste traballo, limitar-nos-emos a indicar os motivos e elementos máis significativos e interesantes que sirvan para ilustrar as características da tradición oral da Galiza face ás súas homólogas do mundo ibero-románico. Estas son, en nosa opinión, as catro partes em que podemos dividir as versións modernas de *Celinos*¹²:

1^a) *Celinos aproveita a ausencia do marido para propor à esposa deste o plano para matá-lo*

A secuencia inicial só aparece nas versións sefarditas e de Castela a Velha, nela a esposa e o amante preparan a morte do marido enquanto este está ausente. Na maioría das versións castelhanas esta secuencia vai antecedida por unha frase sentenciosa, “El casar es comparar cada uno con su igual” (Rocamundo, Cántabria), que adverte das inconveniencias do casamento entre o home velho e muller nova, nas versións sefarditas este consello está moito máis desenvolvido mediante o acréscimo de varios versos do romance *Casada con un viejo*¹³. Na breve versión ourensana non se menciona a existencia dum amante, nem a

¹¹ Said Armesto, bom conhecedor das falas galego-portuguesas indica nasalidade no ditongo –ão de chão e de irmãos, o qual, em nosa opinión indica que nessa altura aínda se conservava o vocalismo nasal na provincia de Lugo. É de notar que até à segunda metade do século XX só se mantinha a nasalidade vocálica nos Ancares leoneses.

¹² No presente traballo manuseamos non só as versións editadas, mas tamén as versións inéditas do “Archivo Menéndez Pidal” do “Archivo Sonoro del Romancero”, cuja consulta e edición foi-nos permitida por Diego Catalán, a quem agradeço aquí a súa generosidade.

¹³ Mariño Ferro non repara nesta contaminación (art. cit., pp. 88 e 90) por desconhecimento dos temas do romanceiro e da bibliografía fundamental sobre o tema como son os seguintes traballos de Armistead e Silverman (para além do já citado na nota 2): *Diez romances hispánicos en un manuscrito sefardí de la Isla de Rodas*, Pisa, 1962, pp. 70-82; “El ro

preparação da cilada ao marido, nem à ida deste à missa, ficando a sequência no lamento da mulher por a terem casado com um homem idoso.

2^a) *O marido volta para a sua casa onde encontra a mulher a lamentar-se duma inesperada gravidez. A mulher comunica o seu antojo ao ancião e sugere-lhe para ir desarmado à caça*

A maioria dos textos modernos do nosso romance elidem a sequência anterior e começam *in media res*, com a volta do marido à casa. Isto faz com que a narrativa prescindida do motivo da diferença de idade entre os esposos, ficando, como já indicamos antes, numa simples história de adultério. As versões lucenses coincidem com as [171] das Baleares no facto de começarem com o diálogo entre os esposos quando volta do marido, sem que haja referência à ida do velho à missa (menção maciçamente presente nas outras versões do noroeste da Península e, em menor medida, nas de Castela a Velha). O pretexto da gravidez, que já aparecia nos textos italianos medievais consta, de maneira directa ou indirecta, em todos os textos da tradição oral moderna ibérica. Nas versões galegas, nomeadamente nas lucenses, esta sequência, que ocupa boa parte da metade do texto (vv. 1-13 de PE e vv. 4-8 de BO), caracteriza-se pelos seguintes motivos: a) pergunta do esposo pelo choro da mulher; b) a mulher comunica ao homem que se sente mal por causa de ter ficado grávida na noite de Natal (o facto de lembrar uma dada noite e, concretamente, uma data santa, evidencia o carácter extraordinário dos relações sexuais no casal); c) o antojo da esposa é a cabeça dum cervo que o marido deve ir caçar sem armas; d) o pedido da mulher de ir à caça desarmado faz desconfiar o marido, ao que ela responde que não lher quer fazer mal, mesmo assim, o velho deixa as armas da casa, mas vai comprar outras novas.

Noutras regiões é o marido o que pede à mulher (Sarajevo, Castela a Velha) ou aos criados (Baleares) as armas para entrar na floresta, pois lá pode deparar com Celinos, “o seu inimigo mortal” como se diz nos textos de Burgos; a mulher perante esta petição responde iracundamente pois considera absurdo sair armado por não existir perigos (Castela a Velha), ou propõe ao esposo que saia sem armas como se fosse passear (versões de Baleares e numa minoria do noroeste: Samora, Leão e Trás-os-Montes).

3^a) *O esposo enfrenta-se com Celinos a quem vence*

A principal inovação da tradição oral moderna, a vitória do marido sobre Celinos, manifesta-se nos textos galegos de maneira muito sucinta (vv. 9-10 de BO e 14-23 de PE) e, assim, nalguns deles o diálogo entre os dois homens não existe ou não passa dum único verso, ficando reduzida esta sequência narrativa no enfrentamento armado. Nas outras áreas do Noroeste o diálogo costuma ser mais rico, uma vez que Celinos provoca o velho manifestando a sua vontade de substituí-lo como esposo, dizendo-lhe que a mulher deste chamar-lhe-á marido (Astúrias), que os filhos chamar-lhe-ão pai (Samora, Leão) ou que montará nos seus cavalos (Leão). Nas versões de Baleares e nalguma de Castela a Velha Celinos afirma ser o pai dalgum ou de todos os filhos do velho esposo.

Por outro lado, os textos de Formentera e Ibiza apresentam um motivo que os singulariza dentro da tradição moderna: quando o marido entra na floresta vê um grande brilho

mance de *Celinos y la adúltera* entre los sefardíes de Oriente”, ALM, 2, 1962, pp. 5-14; *The Judeo-Spanish Chapbooks of Jacob Abraham Joná*, Berkeley-Los Angeles, University California Press, 1971, pp. 227-240; *Tres calas en el romancero sefardí* (Rodas, Jerusalén, Estados Unidos), Madrid, Castalia, 1979, pp. 64-77.

de armas que atribui aos seus pecados que o vêm buscar ou ao “conde Grillos” que vem para o matar. Chama a atenção a personificação dos pecados, pois, [172] como indicou Ramón Menéndez Pidal, o romancero hispânico caracteriza-se pelo seu realismo e pela escassa presença de elementos sobrenaturais.

4ª) *O marido volta para casa com a cabeça de Celinos*

Em todas os textos da tradição oral moderna que apresentam este episódio final, o velho marido mata o amante e leva a cabeça deste para a esposa, além disto, na maioria das versões o marido corta a seguir a cabeça da sua esposa¹⁴. No Noroeste Peninsular encontramos diversas variantes a esta sequência dos factos que acabámos de enunciar: enquanto nos textos de Samora não existe nenhum diálogo e o marido logo mata a mulher quando regressa para o lar, nas versões leonesas e no único texto asturiano completo a mulher recrimina o esposo por matar Celinos, pessoa que, segundo a esposa, não lhe tinha feito nenhum mal. Na versão portuguesa a esposa repreende o marido porque ela não mandou “fazer tanto mal”; neste texto o velho, após matar, a mulher pregoa a venda da carne dos adúlteros (“de vaca e carnero”) e mesmo chega a oferecê-la aos que não têm dinheiro; este final tão cruento, impróprio do melhor estilo tradicional que caracteriza os velhos romances, como o que aqui nos ocupa, é o aditamento duns versos (em portunhol, como o resto do texto) do romance vulgar d’*O Pressentimento do Lavrador*. Nas versões da Galiza a (vv. 11-13 de BO e vv. 25-30 de PE) a mulher manifesta não ter encomendado a cabeça de Celinos e ameaça o marido com a represália dos irmãos ou dos cunhados dela, ao que o marido responde com a decapitação da mulher. Nas versões de Castela a Velha a mulher manifesta antes de morrer que a cabeça que devia vir do campo de batalha era a do marido e não a de Celinos, no entanto na versão de Castrillo de Trucios (Burgos) o marido é recebido pelas filhas, de Celinos, e finalmente decide perdoar a mulher por ela estar grávida. Nas duas versões das Baleares a adúltera também não morre: no texto de Ibiza a mulher desmaia-se ao ver a cabeça do amante, enquanto que na versão de Formentera a mulher pede perdão ao marido com versos, bilingues, do romance d’*O Pressentimento do Lavrador*. A contaminação com este romance, que também encontramos no texto português, é de grande interesse, pois este tema do romancero vulgar composto no século XVII não estava testemunhado nas Ilhas Baleares e em Portugal¹⁵. Em quase todos os textos da tradição sefardita esta sequência não aparece, no entanto figura [173] em três versões, numa delas, a de Salónica, reduz-se a um só verso, em que o marido amostra brutal e sarcasticamente como atravessou a cabeça do amante, nas outras duas, de Sarajevo, encontramos o diálogo entre os esposos antes da decapitação da mulher.

Uma característica que, em boa medida, evidencia antiguidade deste romance é a sua tradução para as outras línguas ibero-românicas ou a presença de dialectalismos nos últimos versos nalgumas versões castelhanas e leonesas (o pronome *vos* e o imperativo em *-i*) que serve, como contraste, para aproximar o poema da comunidade em que é transmitido a fim de reforçar a mensagem do romance, neste caso o castigo implacável dos amantes adúlteros:

- Ahora besarvos y abrazaivos, ahora que tenéis lugar (Carbajalinos, Samora)
- Ahí quereivos e abrazaivos, ahora ya vos doy lugar (Rocamundo, Cantábria)

¹⁴ Portanto, não é verdade, a afirmação de Mariño Ferro “a esposa e o amante sempre morren” (art. cit., p. 87).

¹⁵ Vide Raquel Calvo, Concepción Enríquez de Salamanca, Paloma Esteban e José Luis Forneiro, “Mecanismo de tradicionalización de un tema romancístico: Los presagios del labrador”, *El Romancero. Actas del IV Coloquio Internacional*, Cádiz, Fundación Machado-Universidad de Cádiz, 1989, pp. 111-127.